

GLOBALIZAÇÃO E DINÂMICA ESPACIAL DO MERCADO MUNDIAL DE TABACO: REFLEXOS NA ORGANIZAÇÃO E NOS USOS DO TERRITÓRIO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Rogério Leandro Lima da Silveira¹

Introdução

O início da década de noventa do século passado assinala para a principal área de produção de tabaco em folha do Brasil, localizada na região Sul do país, um novo momento no processo de organização do território, resultado dos reflexos econômicos e socioespaciais engendrados pelo processo de globalização da economia, especialmente através da constituição e expansão, como lembra Milton Santos, de um meio técnico-científico-informacional.

No bojo da globalização econômica e sob a hegemonia do capital monopolista internacional, tem ocorrido um contínuo rearranjo no setor tabaqueiro e a expansão do mercado mundial de tabaco em folha e de cigarros. Alteram-se as estratégias de ação e as decisões locacionais das multinacionais agrotabaqueiras em relação à expansão da produção e ao direcionamento espacial dos investimentos de capitais.

O desenvolvimento do setor tabaqueiro tem sido acompanhado de intensa concorrência oligopolista pelos mercados consolidados e pelos mercados emergentes de tabaco e de cigarro. Intensificaram-se os graus de centralização e de concentração de capital no setor tabaqueiro, ampliaram-se a modernização e a integração das atividades produtivas e diversificaram-se os agentes sociais que participam da produção e da circulação do tabaco e do cigarro, contribuindo para uma maior complexificação do modo de funcionamento do setor, bem como de sua correspondente organização espacial.

Novos objetos e sistemas técnicos foram desenvolvidos e incorporados seletivamente no espaço geográfico a fim de possibilitar melhores condições de organização e desempenho produtivo na agroindustrialização do tabaco e na industrialização do cigarro, e assegurar maior fluidez na circulação do tabaco, dos insumos, do capital e das informações no território.

Além disso, as políticas públicas de controle e de diminuição do tabagismo, de um lado, e as ações de incentivos fiscais e de oferta de crédito promovidas pelos governos estaduais e municipais no País, de outro lado, também têm determinado mudanças na produção e na expansão da agroindústria tabaqueira. Tais processos, políticas e ações têm sido importantes vetores externos e internos que incidem e influenciam ativamente as dinâmicas recentes de organização espacial e de uso do território nas áreas rurais fumicultoras e nas cidades agroindustriais tabaqueiras do Sul do país.

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões e resultados iniciais do projeto de pesquisa “Rede agroindustrial do tabaco e novas dinâmicas sócio-espaciais na organização e nos usos do território na região Sul do Brasil”, que ora desenvolvemos com o apoio do CNPq e da UNISC. A pesquisa busca compreender como se configura espacialmente e se organiza economicamente o mercado mundial de tabaco e de

¹ Geógrafo, Doutor em Geografia pela UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, e do Departamento de História e Geografia da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul). RS - BRASIL. E-mail: rlls@hotmail.com
Eixo Temático: 6 - Problemática dos espaços agrários.

cigarros, e analisar como a região Sul do Brasil, ao participar desse mercado, tem experimentado os reflexos do processo de desenvolvimento desse ramo agroindustrial em sua dinâmica de organização espacial e de usos do território.

O presente trabalho se organiza em três partes. Em um primeiro momento, analisamos, sucintamente, o contexto e o conteúdo dos processos de globalização da economia e de avanço da modernização técnico-científico-informacional e suas relações com o desenvolvimento da agricultura.

Em segundo lugar, destacamos, como se apresentam a dinâmica, as tendências recentes e a configuração espacial do mercado mundial de tabaco. Buscamos também caracterizar a atual constituição dos oligopólios das empresas multinacionais cigareiras e processadoras de tabaco, bem como analisar suas principais estratégias de ação econômicas e espaciais, e seu papel na expansão daqueles mercados.

Por fim, analisamos alguns dos principais reflexos das mudanças implementadas no mercado mundial de tabaco e do processo de concentração de capital na expansão do complexo agroindustrial (CAI) do tabaco do Brasil, notadamente destacando alguns dos efeitos dessas mudanças nas áreas rurais fumicultoras e nas principais cidades que processam industrialmente o tabaco na região Sul do País. Nesse aspecto, interessa-nos também analisar a participação da região Sul do Brasil na atual divisão territorial do trabalho do ramo agroindustrial tabaqueiro, e nela a configuração espacial e o funcionamento do circuito espacial de produção do tabaco e do cigarro e dos seus respectivos círculos de cooperação.

1- Globalização, meio técnico-científico-informacional e mudanças na dinâmica espacial e no desenvolvimento da agricultura

O processo de globalização da economia apresenta como condição material e funcional de sua realização no espaço mundial, o desenvolvimento de um sistema técnico caracterizado pela intensa interação entre ciência, técnica e informação, sob a égide do mercado capitalista. Nesse período histórico vivemos um novo momento de modernização do espaço geográfico através da afirmação e expansão do meio técnico-científico-informacional. Nele, os objetos técnicos tendem a ser, simultaneamente, técnicos, científicos e informacionais. Elaborados seguindo uma crescente orientação científica, esses objetos técnicos têm o seu funcionamento extremamente vinculado à informação, ao mesmo tempo em que eles também se apresentam como informação, dada a extrema intencionalidade pela qual foram produzidos e localizados no espaço geográfico. (SANTOS, 1996).

A rapidez com que o atual sistema técnico-científico-informacional passou a difundir-se espacialmente possibilitou que o espaço geográfico mundial, ainda que de modo desigual, passasse a adquirir novos conteúdos e a condicionar novos comportamentos em razão das mudanças que passaram a ser experimentadas na esfera da produção e, principalmente, na da circulação com a ampliação dos fluxos de insumos, de produtos, de capital circulante, de idéias e informações, de ordens e de pessoas. (SANTOS, 1996 e SANTOS e SILVEIRA, 2001). Além disso, os avanços científicos obtidos nesse período fizeram com que esse sistema técnico, unificado e coordenado pelas técnicas de informação, passasse a ter a possibilidade de uma abrangência planetária, possibilitando que o mercado torne-se crescentemente global. (SANTOS, 2000).

Todavia, a globalização não apenas é resultado da existência desse novo sistema técnico com presença virtual no âmbito do planeta, mas também das ações que asseguram o funcionamento de um mercado global que, por sua vez, responde pela

essencialidade daqueles processos políticos atualmente eficazes. Ou seja, no atual período histórico, a globalização pode ser considerada o resultado do(s) atual(is) uso(s) político(s) que o mercado global faz do atual sistema técnico. Assim, para compreendermos a produção do processo de globalização devemos considerar como seus fatores fundamentais: “a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada”. (SANTOS, 2000, p.24).

Isso nos remete à idéia de que o processo em curso de globalização se afirma, acima de tudo, por meio da integração econômica e financeira que se desenvolve de um modo crescentemente seletivo, concentrador e, também, excludente, tanto do ponto de vista social, político, como espacial. Na maior parte das vezes tem prevalecido, diante da lógica e da dinâmica dominante do mercado capitalista, o desenvolvimento de relações que invariavelmente tem produzido a subordinação, a unificação homogeneizadora, a exclusão e a segregação em distintos níveis escalares e em diferentes territórios, especialmente naqueles que atualmente apresentam uma posição dependente e periférica em relação aos atores hegemônicos.

Além disso, o processo de globalização da economia capitalista também se manifesta pela constituição de um mercado hierarquizado e articulado pelo capital monopolista.² Esse mercado pressupõe um espaço onde a fluidez da informação, dos produtos, das relações sociais e do próprio capital possam ocorrer, com destaque para a aceleração da circulação do capital e sua correspondente acumulação. A dinâmica de funcionamento do mercado global, aliada à lógica e à racionalidade econômica que orientam as ações das empresas multinacionais em seu processo de reprodução do capital, acaba determinando mudanças no âmbito da produção e da circulação, que envolvem a difusão e o aprofundamento do uso desse novo sistema técnico, e reorienta as relações sociais e econômicas entre os agentes sociais e as relações espaciais entre os lugares que participam desse novo estágio de desenvolvimento da economia capitalista.

Essas mudanças se fazem presente com ritmos e intensidades distintas no conjunto das atividades econômicas e nos diferentes lugares que participam das várias etapas da produção, da circulação e do consumo.

As condições de maior rapidez e flexibilidade, através das quais as áreas rurais conseguem se desfazer das estruturas materiais e capitais constantes preexistentes no território, garante-lhes a possibilidade de receber com menor resistência e com maior maleabilidade os acréscimos de ciência, de tecnologia e de informação. (SANTOS, 1993; SILVEIRA, 1999). Têm-se assim a implementação e a difusão de uma agricultura científica e globalizada que, em consonância com a lógica competitiva do mercado global e com a racionalidade e as estratégias das corporações multinacionais que controlam o setor, passam a experimentar uma crescente modernização do processo produtivo, visando o aumento da produção e da produtividade, com recorrentes mudanças na dinâmica de relações sociais e econômicas e na organização espacial. (SANTOS, 2000 e ELIAS, 2003).

Elias assinala que nesse novo período uma das importantes transformações, advindas com o emprego desse novo sistema técnico na agricultura, foi a reorganização

² Há que se ter presente, também, que nesse contexto de globalização o mercado não é algo único e homogêneo, nem tampouco abstrato. Na verdade, sob o manto da instituição mercado coexistem distintos arranjos, cuja abrangência, funcionamento, especialização, racionalidade e institucionalização são produzidos através do processo histórico e da dinâmica existente entre os diferentes agentes que neles atuam e operam.

da relação entre os fatores de produção até então mais importantes – a terra, o trabalho e o capital –, uma vez que

... o aumento da extensão da área cultivada deixou de ser o fator exclusivo de crescimento da produção agrícola, pois o uso intensivo de capital e tecnologia elevou a produtividade do trabalho no setor, cujo avanço ocorria muito lentamente. Instrumento primordial para a modernização da agricultura foi o amplo emprego de máquinas, insumos químicos e biotecnológicos, fornecidos pela atividade industrial, provocando notáveis metamorfoses, seja na atividade humana voltada para a transformação da natureza, que sofreu intenso processo de divisão do trabalho, seja na terra, transformada cada dia mais de terra-matéria em terra-mercadoria. (ELIAS, 2003, p.60).

Em função dessas mudanças, a agricultura passou a experimentar a condição de uma atividade produtiva, intimamente associada à racionalidade econômica do novo período, apresentando idênticas possibilidades em relação às demais atividades quanto ao investimento de capital e à lucratividade e, com o aumento de sua competitividade, promoveu uma maior valorização dos capitais nela investidos e possibilitou uma maior aproximação para si dos demais setores econômicos. (ELIAS, 2003).

Com a globalização e a crescente articulação entre a produção agrícola e o conjunto das atividades econômicas, a dinâmica de desenvolvimento da agricultura passou a ter o seu funcionamento e sua modernização cada vez mais orientados e regulados pelas relações de produção e distribuição globalizadas, em detrimento, especialmente, nos países da periferia, da produção para a subsistência da população rural. A produção agrícola passou crescentemente a atender à demanda do mercado interno urbano-industrial e às novas oportunidades postas pelo mercado externo, através da exportação de matéria-prima em estado bruto ou apresentando algum tipo de beneficiamento ou transformação industrial.

Ao mesmo tempo, o contexto da globalização da economia impõe novos condicionantes e agrega novas características ao desenvolvimento dos complexos agroindustriais. O fim da Guerra Fria representou a retomada da expansão da economia de mercado na escala internacional, acompanhada pela constituição formal ou não de novos blocos comerciais de países, o avanço e a modernização espetaculares dos meios de transporte e de novas tecnologias de comunicação, e a migração de crescentes massas de novos investimentos diretos externos em busca de ganhos de escala e de reduções de custos em nível global. (JANK e NASSAR, 2001).

Também é preciso considerar, nesse novo quadro, os reflexos do desenvolvimento e da difusão de importantes inovações, nas áreas da biotecnologia vegetal, microeletrônica e tecnologia da informação, do aumento do grau de concentração de capital nos mercados do setor agroalimentar, da ampliação da desregulamentação dos mercados nacionais, da crise fiscal e da desarticulação do aparato de regulação estatal. (MAZZALI, 2000). Condições essas que promoveram mudanças na dinâmica de funcionamento do mercado dos ramos agroindustriais, bem como no padrão de organização e nas estratégias competitivas das grandes empresas multinacionais que controlam hegemonicamente as respectivas cadeias de produção agroindustriais.

Esse é o caso do ramo tabaqueiro, envolvendo a indústria de beneficiamento agroindustrial do tabaco e a indústria de cigarros e seus respectivos mercados mundiais que, nesse período, passaram a experimentar mudanças importantes em sua dinâmica de desenvolvimento.

2 - A dinâmica e a atual configuração espacial do mercado mundial de tabaco

O mercado mundial de tabaco em folha nas últimas duas décadas vem alternando momentos de crescimento e de queda na produção, no consumo e nos estoques internacionais. (Figura 1). Entre 1980 e 1990, no auge do processo de expansão da internacionalização do setor, a produção mundial de tabaco em folha cresceu 27,09%, passando de 5,5 milhões para 7 milhões de toneladas. O consumo mundial também ampliou aproximadamente 22%, no período, alcançando em 1990 em torno de 6,2 milhões de toneladas de tabaco em folha.

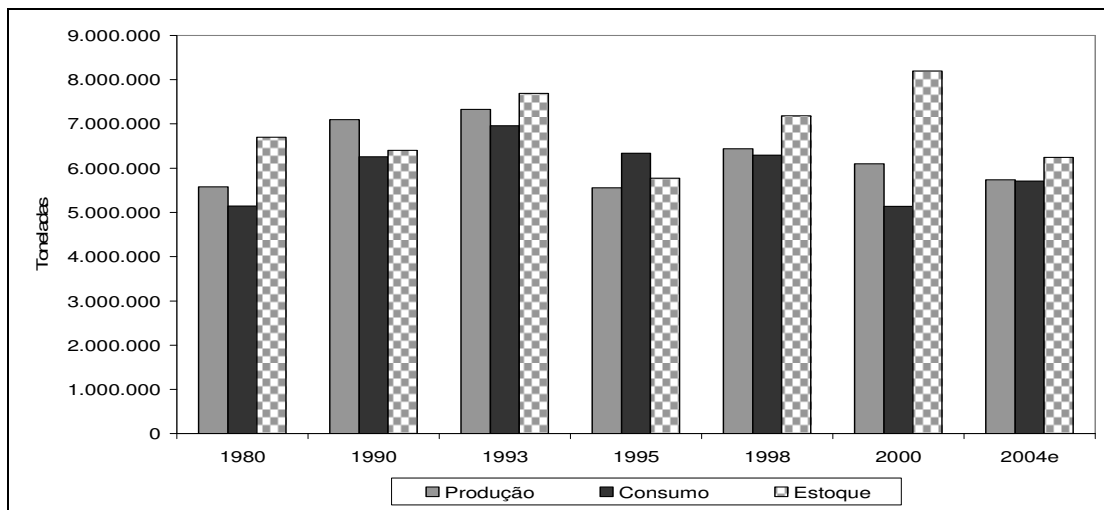


FIGURA 1 – Produção, consumo e estoques mundiais de tabaco em folha - 1980 a 2004
Fonte: FAS/USDA, 2005. e =Estimativa Organização: Rogério Silveira

Já entre 1990 e 2000, como resultado de um conjunto combinado de diversas variáveis, envolvendo desde eventos naturais – períodos prolongados de seca ou de chuvas nas áreas de produção –, eventos políticos e econômicos, como a adoção de barreiras fiscais, subsídios e mudanças na política cambial pelos governos dos países exportadores e importadores, e principalmente eventos político-culturais, como a ampliação da campanha mundial de combate ao tabagismo, tivemos a redução de 14,08% nos níveis de produção e a queda de 17,98% no consumo mundial, respectivamente, 6 milhões de toneladas produzidas e 5,1 milhões de toneladas consumidas. Isso possibilitou um expressivo aumento de 28% no nível dos estoques mundiais que, em 2000, chegaram a 8,1 milhões de toneladas.

Entre 2000 e 2004, por conta desses elevados estoques, o mercado mundial manteve sua tendência de redução na produção em aproximadamente 5,94% no período, enquanto o consumo esboçou uma relativa recuperação, apresentando uma ampliação de 11,06% em relação a 2000.

Todavia, a evolução das dinâmicas do consumo e da produção de tabaco em folha não tem sido a mesma entre os países que tradicionalmente participam desse mercado. Os dados disponibilizados pela *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO), referentes à evolução do consumo e da produção do tabaco no mundo entre 1970 e 1999, permitem verificar como os países vêm participando do mercado mundial de tabaco em folha e de cigarro, bem como identificar algumas tendências em relação à dinâmica recente desse mercado.

O acréscimo na demanda por produtos elaborados a partir do tabaco, especialmente cigarros, levou a um aumento no consumo mundial do tabaco em folha

na ordem de 2% ao ano, entre 1970 e 1990, ampliando o consumo de 4,2 milhões de toneladas para 6,5 milhões de toneladas. Em 1999, 65% desse montante, algo em torno de 4,2 milhões de toneladas, foram consumidos em países semiperiféricos e periféricos, onde o consumo de tabaco ampliou cerca de 3% ao ano nesse período. Simultaneamente, nos países centrais, o consumo de tabaco em folha declinou 0,2% ao ano, apresentando, em 1999, um total de 2,2 milhões de toneladas consumidas. (FAO, 2003). (Figura 2).

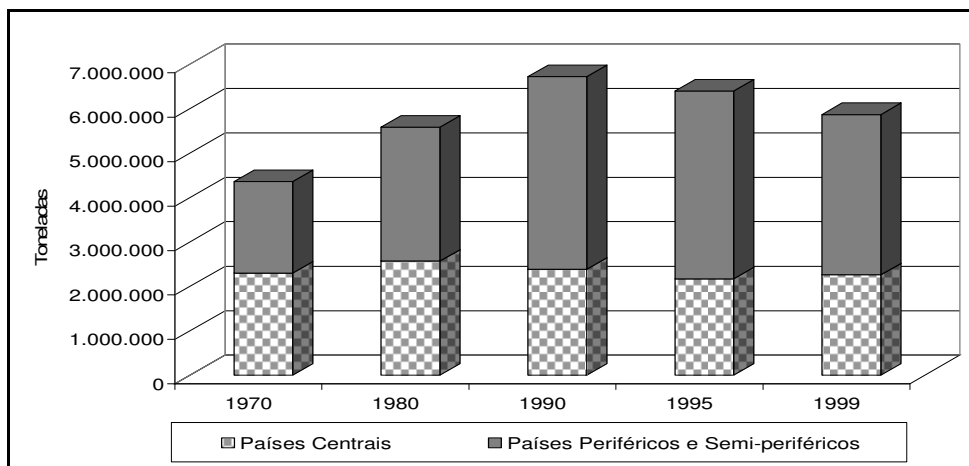


FIGURA 2 - Consumo mundial de tabaco em folha -1970 a 1999

Fonte: FAO, 2003. Org. Rogério Silveira

O aumento no consumo de tabaco em folha nos países semiperiféricos e periféricos se deve tanto ao incremento da população adulta e urbana e à difusão de hábitos culturais urbanos de consumo, como o de fumar, quanto ao aumento da renda interna nesses países populosos, o que levou a uma progressiva ampliação do consumo *per capita* de cigarros, especialmente entre jovens e mulheres. Entre esses países, destacam-se Índia, Rússia, Indonésia, Filipinas, Coreia do Sul e Turquia. Também é preciso considerar que, em grande parte, esse aumento no consumo de tabaco nos países semiperiféricos deve-se ao intenso crescimento do consumo de tabaco na China, que passou de 0,7 milhões de toneladas em 1970 para 2,6 milhões de toneladas em 1999. (FAO, 2003). Em 2008, dados da Organização Mundial da Saúde mostram que aproximadamente metade, ou seja, 50% do consumo mundial de cigarros concentram-se em quatro desses países: China (29%), Índia (11%), Indonésia (5%) e Rússia (5%). (WHO, 2008).

Por sua vez, a gradativa diminuição do consumo de tabaco no conjunto dos países centrais tem ocorrido pela diminuição no ritmo de crescimento da população, pela maior conscientização da sociedade em relação aos efeitos nocivos do cigarro à saúde, pela intensificação das campanhas governamentais contra o tabagismo e pelo aumento de impostos sobre a fabricação e comercialização de cigarros. Tal redução no consumo não é homogênea nesse grupo de países. Enquanto nos Estados Unidos e no Canadá ela foi em média de 1,3% ao ano, entre 1970 e 1999, no conjunto da Europa, a redução no consumo iniciou basicamente após 1990, quando a taxa de consumo caiu 2,9% ao ano. (FAO, 2003).

Todavia, em países como Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Espanha o consumo se mantém elevado tornando esses países importantes mercados para o tabaco. No Leste europeu, após a queda do muro de Berlim, tem havido um progressivo aumento no consumo de cigarros. (FAO, 2003). A China e a região do Sudeste Asiático,

especialmente países como Filipinas, Indonésia, Coréia do Sul, Malásia e Austrália, têm sido os lugares onde o consumo de tabaco tem ampliado significativamente na última década, e onde as vendas de cigarro aumentaram em torno de 8% entre 1990 e 1995. (HAMMOND, 1998).

Nessas áreas, o aumento no consumo de cigarros, especialmente de marcas globais, se deve também a fatores sociais, como uma maior prosperidade da nova classe média e o estímulo para atualizar seu padrão de consumo, adquirindo principalmente cigarros importados, e a progressiva liberalização feminina e adoção pelas mulheres de hábitos de consumo até então restritos aos homens, como beber e fumar. As massivas e poderosas campanhas promocionais e de marketing realizadas pelas companhias multinacionais também contribuem para esse aumento de consumo. (SKLAIR, 1998).

Nesse período, a produção mundial de tabaco em folha passou de 4,3 milhões de toneladas, em 1970, para 8,1 milhões de toneladas de tabaco em 1997, uma ampliação da ordem de 90%. Embora atualmente o tabaco seja produzido num conjunto de 103 países, em diferentes condições climáticas e de solo, esse crescimento deveu-se, sobretudo, ao aumento na área de produção e na quantidade da produção de tabaco – especialmente das variedades *Virginia e Burley*, tabacos claros para a confecção de cigarros – realizadas em países semiperiféricos e periféricos, especialmente na China, no Brasil, na Índia, no Malavi e no Zimbábue, bem como na Turquia, onde se destaca a produção de tabacos do tipo oriental, também utilizado no preparo dos *blends* para cigarro.

Enquanto esses países aumentaram sua participação na produção mundial de tabaco, respondendo, em 2000, por 5,6 milhões de toneladas – aproximadamente 81% do total do tabaco produzido no mundo –, a produção realizada nos países centrais vem progressivamente diminuindo no período, apresentando um decréscimo entre 1970 e 2000 de 36%, quando a produção desses países caiu de 1,9 milhões para 1,2 milhões de toneladas de tabaco.

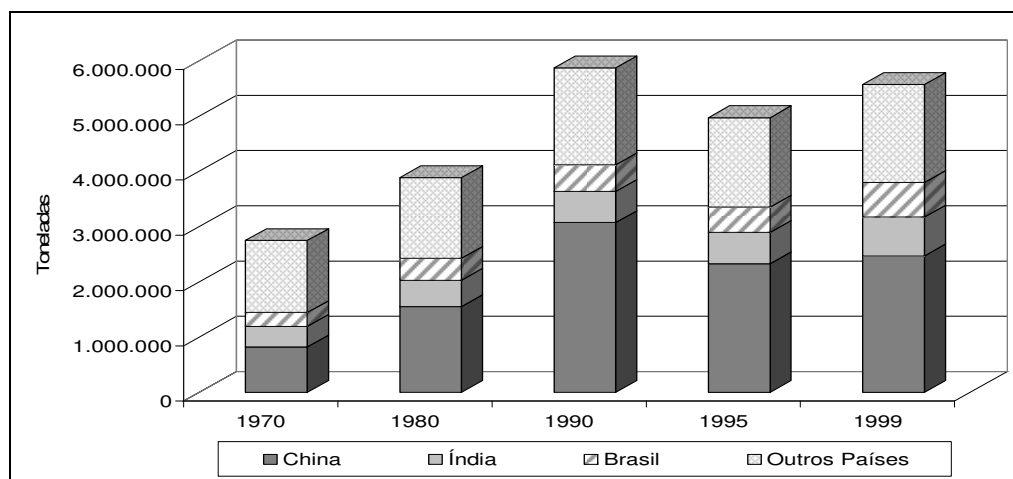


FIGURA 3 - Principais países produtores de tabaco em folha - 1970 a 1999

Fonte: FAO, 2003. Organização: Rogério Silveira

Entre os principais países produtores de tabaco, destaca-se a importante e crescente participação da China, da Índia e do Brasil na produção mundial de tabaco, o que é evidenciado pela figura 3. Enquanto a taxa anual de crescimento da produção de tabaco, entre 1970 e 2000, foi de 1,3% na escala global, na China foi de 3,8%, no Brasil foi de 3,0% e na Índia foi de 2,5%. (FAO, 2003). Esse expressivo aumento na produção de tabaco em folha nesses países se deve ao aumento do consumo nos seus mercados

internos, como é o caso da China, mas também se deve, como no Brasil e na Índia, à ampliação nas exportações de tabaco para os mercados dos países centrais, tendo em vista a queda na produção de tabaco naqueles países.

O aumento na produção de tabaco realizada nos países semiperiféricos e periféricos e o aumento de sua exportação para o mercado mundial resultam da combinação, nesses países, da crescente qualidade do tabaco em folha produzido e do seu baixo custo de produção o que lhes permite obter importantes vantagens comparativas, como alcançar preços de exportação altamente competitivos no mercado tabaqueiro. Isso possibilitou o bom desempenho das exportações desses países, colocando-os, a partir dos anos 1990, entre os principais países exportadores mundiais. (Figura 4).

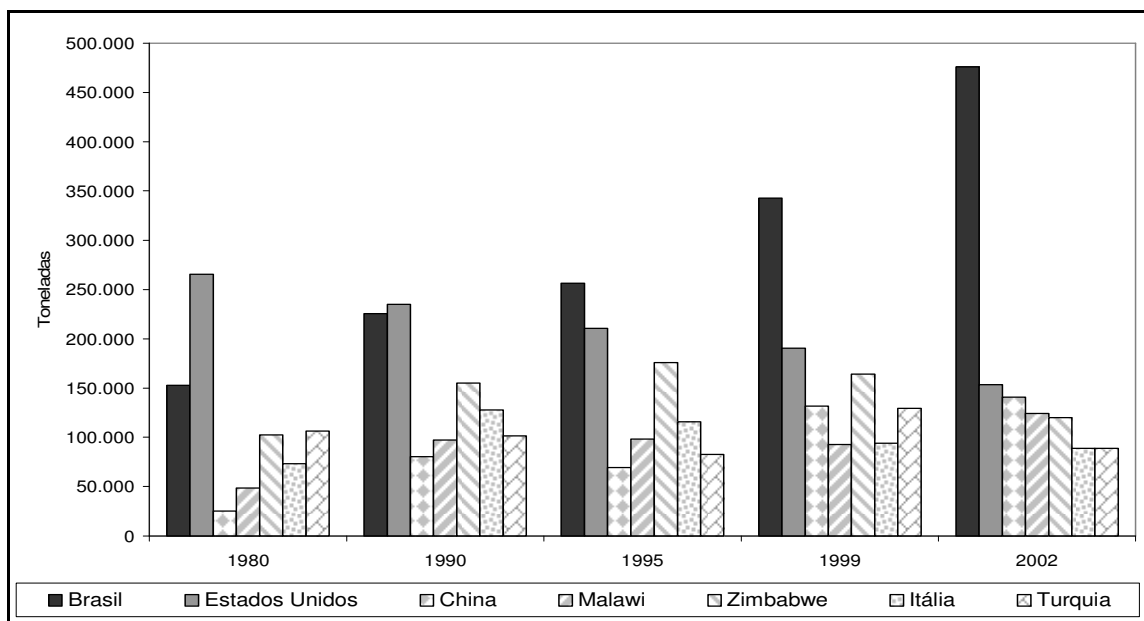


FIGURA 4 - Principais países exportadores de tabaco: 1980 a 2002

Fonte: FAO, 2003. Para 2002 FAS-USDA, 2005. Organizado por Rogério Silveira

Se por um lado esses dados informam a recente configuração espacial do mercado mundial de tabaco, por outro lado, é preciso avançar a análise buscando também apreender a lógica e a dinâmica subjacentes que orientam o funcionamento desse mercado. Isso implica que consideremos a atuação do oligopólio das corporações multinacionais que controlam esse mercado, bem como as variáveis conjunturais que condicionam e orientam as estratégias de ação dessas corporações e, por conseguinte, a própria expansão do mercado mundial de cigarro e de tabaco.

O mercado mundial de cigarros se caracteriza pelo crescente fortalecimento de um pequeno número de grandes companhias multinacionais que atuam de modo hegemônico no conjunto das etapas de produção, comercialização e distribuição de cigarros industrializados, evidenciando assim uma situação de forte concentração de capital.

Atualmente, a empresa estatal chinesa de tabaco (Companhia Nacional de Tabaco da China - CNTC) detém aproximadamente 35% da produção mundial de cigarros, mas são as grandes corporações multinacionais como a *Philip Morris Inc.*, que integra o grupo *Altria*, a *British American Tobacco*, a *Japan Tobacco* e a *Imperial Tobacco Group* entre outras corporações que ditam a dinâmica de funcionamento do mercado,

respondendo por 65% da produção mundial de cigarros e controlando amplamente as redes de distribuição e de venda dos cigarros no âmbito mundial.³ Entre essas multinacionais, destacam-se a *Philip Morris Inc.* e a *British American Tobacco (BAT)*, dois dos maiores grupos privados do mundo, que tradicionalmente atuam no setor, e que desde os anos 1980 vêm intensificando suas ações no mercado mundial de cigarros e expandindo suas atividades em diversos mercados regionais.

A *Philip Morris Inc.* apresenta-se como a maior companhia multinacional de cigarros, em termos de produção, vendas e faturamento. Atualmente, a companhia multinacional está presente em 54 países, em todas as regiões do mundo, produzindo suas principais marcas de cigarro através de suas subsidiárias, de empresas associadas e de empresas por ela licenciadas, o que lhe possibilita controlar aproximadamente 18% do mercado mundial de cigarros.⁴ Já a BAT, segunda maior empresa mundial na produção e comercialização de cigarros, controla aproximadamente 11% do mercado mundial de cigarros, através das suas empresas subsidiárias localizadas em 65 países. Igualmente tem ampliado sua capacidade de produção através da realização de investimentos externos diretos na aquisição e na modernização de fábricas de cigarros em diversos países como México, Camboja, Líbano, Rússia, Turquia e Uzbequistão.⁵

A recorrente ampliação das margens de lucro das companhias multinacionais de cigarro guarda íntima relação com a intensificação do processo de concentração de capital no mercado mundial tabaqueiro, mas também é resultado das ações estratégicas postas em prática pelas corporações nesse contexto de globalização da economia, no sentido de ampliarem e consolidarem suas posições nesse mercado oligopolizado.

Assim como no mercado de cigarros o desenvolvimento do mercado mundial de tabaco em folha também tem se caracterizado por um intenso processo de centralização e concentração de capital. A expansão das atividades de produção e de beneficiamento de tabaco no mercado mundial, através da instalação de novas plantas industriais, do aumento da capacidade de processamento, bem como a integração operacional das suas distintas unidades têm levado as agroindústrias tabaqueiras multinacionais a demandarem crescentes soma de recursos para o seu financiamento. Do mesmo modo, os maiores bancos mundiais vêem no ramo tabaqueiro interessantes oportunidades de obterem uma boa remuneração do seu capital. Assim, essa sinergia entre capital financeiro e capital agroindustrial se reforça no próprio processo de expansão do mercado mundial do tabaco e, simbolicamente, se consolida quando observamos que em quase todos os conselhos administrativos das empresas multinacionais tabaqueiras há a presença de instituições financeiras, fundos de pensão, entre outros.

³ Além dessas quatro empresas multinacionais, destacam-se a espanhola *Altadis Tabacalera Sociedad Anonima*, a inglesa *Gallaher Group*, e a alemã *Reemtsma*, pertencente à *Imperial Tobacco Group*, que juntas respondiam por 3 a 4% do mercado mundial. (GAZETA MERCANTIL, 1999).

⁴ Desde 1990 a maior parte da lucratividade dessa empresa com sede nos Estados Unidos tem sido obtida através da crescente ampliação das suas vendas no exterior. Em 2004 a *Philip Morris* obteve uma receita líquida de US\$. 39 bilhões e um lucro operacional de US\$. 6,6 bilhões. (PHILIP MORRIS, 2006). Isso se deve a forte expansão externa da companhia, que entre 1996 e 1997 investiu elevadas somas de capital na aquisição, na construção e na modernização de fábricas de cigarro no exterior, como ocorreu no Brasil, no México, na Polônia, na Rússia, na Romênia, em Portugal, na Malásia, na Lituânia e na Ucrânia.

⁵ No final de 2003, adquiriu a recém-privatizada estatal italiana *Ente de Tabaco Italiano (ETI)* e, em julho de 2004, adquiriu 42% do controle acionário da americana *Reynolds American Inc.*, empresa formada pela fusão da gigante *R.J.Reynolds* com a subsidiária americana do grupo BAT, a *Brown & Willianson and Lane Ltd.* Essas ações tornaram possível à BAT ampliar sua participação no mercado mundial e aumentar progressivamente suas margens de lucratividade. Em 2004, a BAT obteve uma receita líquida de US\$. 5,6 bilhões com suas vendas globais de cigarros e um lucro operacional de US\$. 4,9 bilhões. (BAT, 2004).

O mercado mundial de tabaco em folha beneficiado apresenta um pequeno número de *dealers* – companhias multinacionais beneficiadoras e/ou fornecedoras de tabaco – que tradicionalmente controlam a produção e o fornecimento dessa matéria-prima para as indústrias de cigarro. No começo da década de 1990, eram oito as empresas multinacionais que dominavam esse mercado através de suas usinas beneficiadoras de tabaco localizadas em vários países produtores e das suas redes de comercialização. Já em 1997 esse número diminuiu para quatro, reforçando o poder das chamadas *Big Three*, como são conhecidas as três grandes empresas multinacionais norte-americanas que oligopsonicamente controlam as atividades de compra, beneficiamento industrial e comercialização da maior parte do tabaco em folha cultivado e utilizado na produção mundial de cigarros. Assim, temos a produção e comercialização das variedades *Virginia e Burley* sob o domínio das multinacionais *Universal Leaf Tobacco, Standard Commercial Corporation* e *Dimon Incorporated*, bem como a importante participação da empresa turco-americana *Socotab Leaf Tobacco* - especializada na comercialização de tabaco do tipo oriental. (HAMMOND, 1998).⁶

Em 2005, ocorreu uma concentração ainda maior de capital e, basicamente, dois grandes grupos passaram a controlar o mercado internacional de tabaco em folha. Um primeiro grupo havia surgido em 1998, quando do anúncio da associação e integração das atividades desenvolvidas pela *Universal Leaf Tobacco* e pela *Socotab Leaf Tobacco*, sob o controle da primeira. Já o segundo, foi constituído em 2005 por ocasião da fusão das empresas norte-americanas *Dimon Incorporated* e *Standard Commercial Corporation*, que concentraram capitais e integram suas atividades, originando uma nova empresa, a *Alliance One International*. (Figura 5).

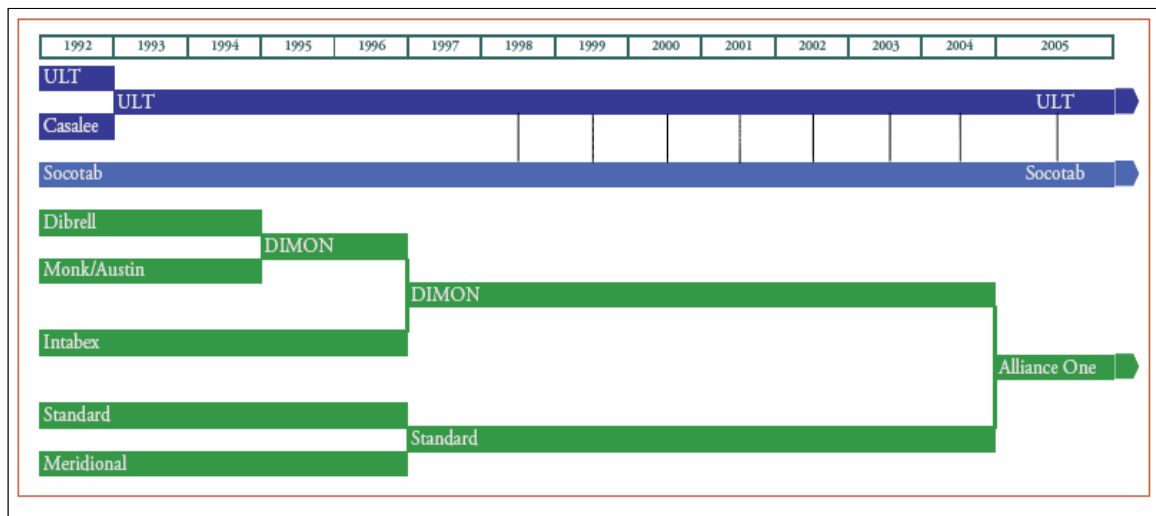


FIGURA 5 – Concentração de capital na indústria tabaqueira: 1992 a 2005

Fonte: *Supply & Demand Report, 2005. Universal Leaf Corporation Inc.* ULT= *Universal Leaf Tobacco*

⁶ O grupo *Universal Leaf Tobacco*, com sede na cidade de Richmond, Virginia - Estados Unidos, atualmente apresenta subsidiárias que compram e beneficiam tabaco em mais de 26 países. Em 2004, as vendas de tabaco pelo grupo no mercado internacional totalizaram US\$. 1.2 bilhões, e seu o faturamento global chegou a US\$. 4.1 bilhões. (UNIVERSAL LEAF, 2004). Já a *Dimon Incorporated*, cuja matriz está localizada em Danville, no estado americano da Virginia, atua em 39 países e em 2004 apresentou um rendimento de US\$. 1,1 bilhão relativo a suas vendas internacionais de tabaco. Por fim, a também norte-americana *Standard Commercial Corporation* com matriz em Wilson, na Carolina do Norte, obteve em 2004 um montante de US\$. 791 milhões relativos à comercialização de tabaco no mercado mundial, e seus ativos totalizavam nesse ano cerca de US\$. 911 milhões. (DIMON-STANDARD, 2004).

Embora outras empresas multinacionais também atuem no beneficiamento e na comercialização do tabaco, sua participação é inexpressiva diante do domínio quase que absoluto desses dois grandes grupos multinacionais no mercado mundial de tabaco em folha. Em 2003, enquanto a *Universal Leaf* possuía 54% do mercado, a *Dimon* e a *Standard* juntas respondiam por aproximadamente 45% da comercialização mundial de tabaco em folha⁷. (STANDARD COMMERCIAL CORPORATION, 2003). A acirrada competição que existe entre esses dois grupos multinacionais se dá tanto em relação ao preço praticado na comercialização do tabaco beneficiado, quanto através da maior habilidade e capacidade das empresas em valorizar e melhor atender às demandas e especificações das empresas cigareiras referentes ao produto final que desejam. Isso impõe a necessidade de planejar e monitorar constantemente os resultados obtidos em cada etapa produtiva – cultivo, compra, preparação do *blend*, processamento e distribuição – e gerenciá-los de maneira integrada. Nesse aspecto, a condição econômica, a estrutura produtiva e a capacidade técnica e logística desses grandes grupos multinacionais possibilitam que eles participem de modo privilegiado e de forma hegemônica no mercado mundial de tabaco em folha.

De modo geral, a expansão das agroindústrias tabaqueiras multinacionais no mercado mundial tem ocorrido através da promoção inicial de *joint ventures* com tradicionais agroindústrias tabaqueiras nacionais, tanto privadas como estatais, especialmente naqueles lugares e nas regiões onde há uma oferta de tabaco de qualidade e a baixo custo, e/ou onde haja mercados consumidores de cigarros a serem explorados ou já estejam em exploração pelas companhias de cigarro.

Do ponto de vista das multinacionais agrotabaqueiras, essa estratégia é o passo inicial de um movimento posterior que envolve, quase sempre, a aquisição parcial ou total dessas empresas, locais e regionais, ou a privatização daquelas que são estatais, como meio de ampliar sua participação no mercado mundial de tabaco e de melhor organizar espacialmente o conjunto de suas operações industriais e comerciais nesse setor. Nesse ambiente de mercado crescentemente aberto e controlado pelo oligopólio das tabaqueiras multinacionais, as empresas locais e regionais muitas vezes encontram dificuldades para promover novos investimentos na ampliação da produção, da produtividade e da qualidade de seus produtos. Assim, a despeito da perda da autonomia dessas empresas, a cooperação com as multinacionais, e até mesmo a opção pela venda parcial ou total de seus ativos, acaba representando a possibilidade de poderem modernizar suas linhas de produção, suas redes de distribuição, seus sistemas de informação e de gestão. Além disso, podem também usufruir de melhores condições para a capacitação e atualização de seus empregados e, mediante a transferência de conhecimento e tecnologia por parte das multinacionais, podem diminuir as perdas e os resíduos no beneficiamento do tabaco e alcançar graus maiores de homogeneidade na preparação dos tabacos, de acordo com os *blends* demandados pelas companhias de cigarros. (VAM LIENT, 2002 e BOEIRA, 2002).

Os condicionantes e as características existentes na dinâmica do mercado mundial de cigarro igualmente afetam, de modo muito direto, o funcionamento do mercado mundial de tabaco, influenciando e orientando as ações das agroindústrias tabaqueiras. As mudanças na configuração espacial do mercado mundial de cigarros – ascensão de

⁷ Diante da consulta que realizamos nos relatórios das principais empresas processadoras de tabaco, disponíveis na Web, certamente esses números informados no Relatório Anual de 2003 da *Standard Commercial Corporation* são aproximados; e embora consigam ilustrar o total domínio que esses gigantes grupos multinacionais efetivamente possuem no mercado mundial de tabaco em folha, é muito provável que a participação do conjunto das demais empresas que atuam na comercialização do tabaco em folha no mundo esteja entre 1 e 5% do mercado mundial.

novas áreas geográficas de consumo e redução do consumo em regiões tabagistas tradicionais –, o aumento pela preferência do consumo de cigarros elaborados com tabacos do tipo *flavour*⁸ e o desenvolvimento de uma maior produtividade e de uma maior diversificação nos tipos de cigarros atualmente oferecidos pela indústria cigareira influenciam as estratégias de ação das agroindústrias tabaqueiras. Assim, a presença combinada dessas variáveis acaba sendo decisiva, tanto em relação à manutenção, à ampliação, à reestruturação e à modernização das suas usinas de beneficiamento, dos centros de pesquisa e desenvolvimento, dos pontos de venda e de distribuição de tabaco, quanto na redução ou até mesmo no fechamento de algumas dessas instalações, ou ainda, na definição dos novos locais onde serão priorizados investimentos futuros, e na intensidade e no volume dos recursos a serem utilizados.

Nessa perspectiva, as maiores agroindústrias tabaqueiras multinacionais têm orientado suas estratégias de ação e direcionado boa parte dos seus investimentos para os principais países produtores de tabacos utilizados na produção dos *blends* atualmente demandados pelo mercado mundial.⁹ Nos últimos anos, têm aumentado progressivamente os investimentos dessas grandes empresas mundiais na ampliação da produção do tabaco e da capacidade de beneficiamento industrial e de comercialização de tabaco nesses países. Assim, usinas de tabaco foram instaladas, ampliadas e modernizadas, buscando incrementar a produção e o beneficiamento de tabaco nas suas distintas variedades. Quanto ao tabaco *Virginia*, os principais investimentos foram realizados em países produtores e exportadores como a China, o Brasil, a Índia e o Zimbábue. Na agroindustrialização do tabaco da variedade *burley*, os investimentos direcionaram-se principalmente para o Brasil, para o Malawi e para a Argentina; já em relação ao tabaco da variedade *oriental*, os países que mais têm atraído o capital multinacional tabaqueiro foram a Turquia, a Grécia, a Bulgária e a Macedônia.

Cada uma dessas três variedades de tabaco em folha é cultivada em distintas zonas geográficas da superfície terrestre, localizadas entre os 60° de latitude Norte e 40° de latitude Sul, onde cada área produtora apresenta uma particular combinação de características climáticas específicas (insolação, temperatura, umidade, precipitação e vento), de tipos de solos e de configuração de relevo que possibilitam condições ambientais particulares e ideais para a reprodução dessas diferentes variedades de tabaco.

Além disso, a produção e o beneficiamento de tabaco de cada uma dessas variedades, em cada um dos distintos lugares e das regiões de produção, apresenta custos distintos de produção que afetam o preço final de sua comercialização e exportação. Custos esses decorrentes da carga tributária existente, das condições de financiamento disponíveis para a produção, do modo de produção e do nível de produtividade da lavoura e do beneficiamento industrial e, principalmente, das relações sociais de produção e da remuneração do trabalho empregado na lavoura de tabaco –

⁸ Os tabacos do tipo *flavour* caracterizam-se pela alta qualidade de suas folhas e pelo fato de acrescentarem sabor e aroma diferenciados na produção dos *blends* próprios a cada marca de cigarro. Além do Brasil, os tabacos do tipo *flavour* são produzidos principalmente pelo Zimbábue e pelos Estados Unidos. Outros países, como a Argentina, se especializam na produção de tabacos do tipo *filler*, usados basicamente no enchimento de cigarros. (GAZETA MERCANTIL, 1999).

⁹ Atualmente as principais companhias cigareiras instaladas nos Estados Unidos e na Europa produzem os seus cigarros, e obtêm os seus *blends* específicos, utilizando principalmente o tabaco em folha importado dos principais países produtores e exportadores, como o Brasil, a Índia, o Malawi, o Zimbábue, a Turquia, entre outros. Essas operações de importação são realizadas através de negociação com as grandes empresas multinacionais que controlam o comércio e o fornecimento das diferentes variedades de tabaco em folha no mundo, através de suas plantas industriais instaladas nos principais países produtores de tabaco. (HAMMOND, 1998).

visto que o cultivo e a colheita do tabaco, principalmente nos países periféricos e semiperiféricos, são realizados através do uso intensivo do trabalho manual - e no seu processamento industrial.

Ao longo da década de 1990 e no presente, a dinâmica de expansão do mercado de tabaco, bem como dos negócios das corporações multinacionais fabricantes de cigarro e processadoras de tabaco no mercado internacional, tem sido intensificada através da promoção de novos investimentos estrangeiros diretos (IED), como, por exemplo, através da aquisição de pequenas e tradicionais empresas privadas com dificuldades econômicas, ou mesmo pela aquisição de empresas estatais recém-privatizadas em distintos países.(VAN LIEMT, 2002). Esse movimento tem possibilitado às empresas a criação de novas filiais, ora valorizando a localização dos novos empreendimentos próximos às zonas produtoras de tabaco em folha, ora aproveitando a proximidade ou as condições de acesso aos grandes centros de consumidores. É preciso também destacar as “vantagens próprias” que as grandes companhias multinacionais acabam tendo com a formação e o funcionamento do mercado interno do grupo multinacional, através das relações entre a empresa matriz e as suas empresas subsidiárias, que lhes possibilita, entre outras coisas, obterem rendimentos expressivos com a cessão e o intercâmbio cruzado de suas patentes e licenças. (CHESNAIS, 1996).

Essas empresas multinacionais tabaqueiras e cigarreiras também ampliam seus negócios no espaço mundial através da promoção de *joint ventures* entre empresas multinacionais de cigarro, entre as multinacionais processadoras e distribuidoras de tabaco, e entre elas e outras empresas para o beneficiamento de tabaco e a produção e comercialização de cigarros em mercados locais e regionais, bem como para a construção, ampliação e modernização de redes de distribuição e de vendas, e do marketing de marcas de cigarros. (VAN LIEMT, 2002).

Também devemos considerar, nesse contexto de expansão das grandes empresas multinacionais nos mercados mundiais de tabaco e de cigarro, a importância da constituição de uma base de sustentação e de legitimação política, através da articulação de suas ações com os produtores de tabaco, com os sindicatos representantes dos trabalhadores industriais, com os compradores preferenciais, com os atacadistas e suas redes de distribuição, mas também pela habilidade pela qual a indústria cigarreira tem lidado com a imprensa e com os poderes legislativo, executivo e judiciário, no sentido de obter êxito em suas negociações, em suas operações e nos embates judiciais. Assim, simultaneamente à sua expansão mundial, o setor tabaqueiro tem desenvolvido um conjunto de alianças intra e intersetoriais, de acordos comerciais e políticos, e de ações no campo social, cultural e ideológico. Nesse aspecto, “o risco do setor é, desta forma, diluído, distribuído e articulado como uma rede de interesses econômicos e políticos.” (BOEIRA, 2002, p.63).

Como expressão da globalização da economia, a expansão do mercado mundial de tabaco também tem sido orientada e regulada através da promoção de um conjunto de ações e de normas instituídas pelos Estados nacionais e pelos organismos internacionais, como a OMC, a UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e a OMS (Organização Mundial da Saúde). Assim, a despeito do discurso ideológico hegemônico do liberalismo econômico e de defesa de um Estado mínimo em sua relação com o mercado, a dinâmica de direcionamento de novos IEDs tem sido orientada, muito fortemente, de modo especial na última década, em sintonia com as oportunidades ou os obstáculos definidos pelas normas instituídas no âmbito de cada país ou de cada bloco regional.

Nesse aspecto, um conjunto de ações buscando atrair novos investimentos internacionais tem sido posto em prática pelos Estados nacionais como, por exemplo:

privatizações, atração de novas plantas industriais, de novas tecnologias e de laboratórios estrangeiros, política de formação e de qualificação profissional, dotação de infra-estrutura de comunicações. Além dessas, somam-se também, nesse propósito, ações governamentais já tradicionais como isenções fiscais, flexibilização de leis trabalhistas, concessões alfandegárias, bonificações de juros, livre transferência de lucros e divisas, proteção dos direitos de propriedade privada e liberalização da regulamentação sobre as fusões e aquisições entre empresas. (ANDREFF, 2000).

Há também um outro conjunto de ações e normas instituídas pelo Estado, no âmbito das economias nacionais e regionais, que, progressivamente, vem ganhando força no modo como tem influído na dinâmica de funcionamento do mercado internacional de tabaco, especialmente por representar constrangimentos e obstáculos ao processo de reprodução e acumulação do capital tabaqueiro. Entre elas, podemos destacar ações como as campanhas governamentais de controle ao tabagismo, de redução do uso dos insumos químicos e do emprego do trabalho infantil; a taxação fiscal do tabaco e do cigarro; a criação de barreiras de entrada; a definição de cotas de importação e de exportação; a criação e manutenção de subsídios agrícolas, dentre outras. Essas ações normativas têm influenciado decisivamente a definição quanto à possibilidade ou não de investimentos em um dado lugar e região, quanto à direção e à intensidade dos fluxos de comercialização de tabaco e de cigarros, de capitais e dos demais ativos materiais e imateriais demandados e produzidos pelo setor tabaqueiro.

3 - A expansão do complexo agroindustrial do tabaco no Sul do Brasil: reflexos na organização e nos usos do território

A expansão e a consolidação do CAI do tabaco que ocorrem nesse período no Sul do Brasil resultam da combinação de dois grupos de variáveis.

Um primeiro grupo, de origem externa, se refere à expansão e à reconfiguração do mercado mundial de tabaco em folha e de cigarro, e ao modo de reprodução do capital monopolista tabaqueiro decorrentes de mudanças produtivas e organizacionais importantes advindas com a globalização da economia. Como visto antes, desde o final da década de 1980 e começo da de 1990, o funcionamento do mercado mundial de tabaco em folha e a própria dinâmica de desenvolvimento da atividade agroindustrial tabaqueira vêm experimentando:

- a intensificação do processo de concentração de capital no setor tabaqueiro;
- a reestruturação e a flexibilização das formas de organização da produção e da gestão pelas empresas tabaqueiras;
- a forte expansão da demanda mundial por tabacos claros, do tipo *flavour*, e com menores teores de nicotina e de alcalóides; e
- a promoção de uma maior seletividade espacial por parte das empresas agroindustriais quanto à definição de novos investimentos produtivos e tecnológicos na produção do tabaco e em seu processamento industrial, bem como na produção de cigarros.

Um segundo grupo se refere à dinâmica nesse período da macroeconomia brasileira e a seus efeitos na política de desenvolvimento agrícola e na atração de investimentos internacionais de empresas agroindustriais tabaqueiras. O novo ambiente econômico criado no país, especialmente a partir dos anos 1990, e fundamentado na política econômica neoliberal de crescente abertura e de integração competitiva da economia nacional, assegurou condições vantajosas para o desenvolvimento de negócios e investimentos para os capitais internacionais. (GONÇALVES, 1999).

Caracterizadas, entre outras, pela abertura comercial e financeira, pela desregulamentação da economia, por amplos programas de privatização, pela

liberalização de normas reguladoras quanto às inversões de capitais privados no país, pela desvalorização cambial entre 1990 e 1994, estimulando as exportações, e a partir de 1994, pela estabilização macroeconômica, essas novas condições possibilitaram ao país atrair volumosos investimentos externos diretos, bem como experimentar em distintos setores, como no do agronegócio, uma intensificação no processo de concentração de capital. (BENETTI, 2004 e REZENDE, 2003).

Tal contexto, aliado ao baixo custo de produção do tabaco brasileiro¹⁰, e a sua já reconhecida qualidade pelo mercado mundial, acabou criando condições favoráveis à realização, no país, de sucessivos investimentos produtivos das corporações multinacionais tabaqueiras.

A evolução do capital externo investido na agroindústria tabaqueira brasileira passou de US\$. 137 milhões, em 1980, para US\$. 724 milhões, em 2000, representando nesse período um aumento de, aproximadamente, 428% no total dos investimentos realizados pelo setor tabaqueiro no Sul do país. (BACEN, 2006). Esse crescimento significativo nos investimentos externos realizados ocorreu sobretudo a partir da safra de 1995 – quando se intensificou a diminuição da produção de tabaco *Virginia* nos Estados Unidos e no Zimbábue.

Os grandes investimentos externos diretos das corporações multinacionais tabaqueiras na região Sul do país resultaram na compra, ampliação ou construção e/ou na modernização de um conjunto de objetos técnicos demandados diretamente pelo capital tabaqueiro, como novas plantas industriais – usinas de beneficiamento e fábricas de cigarro –, novas instalações de apoio à produção e à circulação, como centros de pesquisa, pontos de compra de tabaco, centros logísticos e de distribuição de insumos, de tabaco e de cigarros. Investimentos esses que também foram importantes na aquisição de equipamentos, maquinários, no funcionamento de novas linhas de processamento, bem como possibilitaram a promoção de ações, como a expansão do desenvolvimento da pesquisa com novas variedades de sementes, com a inovação tecnológica no plantio, na cura, no beneficiamento e na comercialização do tabaco, o aumento no número de produtores rurais integrados, entre outros.

O mercado mundial favorável e os investimentos externos realizados no país permitiram e mesmo estimularam, principalmente nos últimos quinze anos, o incremento da fumicultura e da agroindustrialização do tabaco em folha, desenvolvidas através do CAI instalado na região Sul do país, levando este a consolidar, desde 1993, a condição de terceiro maior produtor mundial de tabacos claros para cigarro. A tabela 1 registra a evolução da produção de tabaco no Sul do Brasil, entre 1990 e 2005.

TABELA 1 - Produção de tabaco em folha no Sul do Brasil - 1990 a 2005

Safra	Número de Propriedades	Número de estufas	Área plantada (Ha)	Produção (ton.)	Produtividade (ton./ha)
1990	52.210	91.950	159.290	367.980	1,71
1995	66.750	107.460	158.900	388.052	1,74
2000	69.590	117.180	202.760	539.040	2,09
2005	94.250	185.810	357.190	842.990	1,91

Fonte: AFUBRA *apud* Anuário Brasileiro do Tabaco, 2001 e 2005, e Gazeta Mercantil, 1999.

¹⁰ Em 2000, segundo dados da FAO, o preço médio pago por kg de fumo aos produtores no Brasil foi de US\$. 2,50 enquanto nos Estados Unidos e no Zimbábue, respectivamente, foi de US\$. 7,05 e US\$. 3,60. (SILVEIRA, 2007).

Observa-se um intenso crescimento na região tanto no número de propriedades que cultivam o tabaco, na área plantada e no número de estufas de tabaco instaladas, quanto nos níveis de produtividade alcançados na lavoura tabaqueira sul-brasileira.

Entre 1990 e 2005 ocorreu na região um incremento de 42.040 novas propriedades rurais que passaram a cultivar o tabaco, representando um aumento de 80,52% no número de propriedades que cultivavam o tabaco em 1990. De acordo com dados da AFUBRA, em 2005, aproximadamente 63% do total das propriedades rurais que cultivavam tabaco no Sul do Brasil possuíam até 20 hectares, caracterizando assim a presença sobretudo de pequenos agricultores familiares no cultivo dessa cultura, que em 2005 totalizaram 193.310 famílias produtoras, dessas cerca de 18% eram parceiros.

A área plantada com tabaco na região, no período, apresentou uma ampliação de novos 197.900 Ha, representando um aumento relativo de 80,49% em relação a área plantada em 1990. De acordo com dados da AFUBRA a área média dedicada a lavoura de tabaco nas propriedades rurais, em 2005, foi de 2 hectares.

O aumento expressivo da área plantada aliado ao emprego de inovações técnicas no âmbito do preparo e cultivo de mudas, e dos tratamentos culturais no plantio resultou consequentemente no aumento da produtividade.

A combinação dessas variáveis possibilitou, notadamente nas últimas seis safras, um expressivo e substancial aumento no volume de tabaco em folha produzido no Sul do país que, em 2005, apresentou um nível de crescimento da produção na ordem de 129%, representando um acréscimo de 475.010 novas toneladas ao montante produzido em 1990.

O aumento na produção, a substancial melhora na qualidade e o baixo preço do tabaco em folha produzido na região Sul do país resultaram no incremento progressivo das exportações, possibilitando que o país, desde 1993, exerça a destacada condição de maior exportador mundial. Para tanto, também foi fundamental a presença nessa região das três maiores empresas multinacionais processadoras e negociadoras de tabaco no mercado mundial – a *Universal Leaf*, a *Dimon Inc.* e a *Standard Commercial*, bem como a destacada participação do grupo B.A.T., através do Departamento de Tabaco da Souza Cruz S/A.

Juntas essas empresas multinacionais responderam em 2005 por 75,3% do beneficiamento industrial do tabaco em folha produzido no Brasil e pela sua comercialização no país e para o exterior, evidenciando o absoluto controle que as mesmas atualmente possuem sobre a dinâmica do mercado nacional de tabaco em folha.

A atuação dessas empresas também tem sido decisiva para a ampliação do volume de tabaco em folha exportado, na medida em que, através de suas usinas de processamento e de suas divisões de exportação, estabeleceram um amplo leque de relações comerciais com seus clientes no exterior.

Atualmente, em torno de 85% da produção sul-brasileira de tabaco em folha tem como destino o mercado externo, onde atualmente mais de 100 países aparecem como compradores regulares. As exportações brasileiras, especialmente nas variedades *Virginia* e *Burley*, vêm ampliando progressivamente a participação do país no comércio mundial de tabaco em folha, a ponto de em 2005 ele ter respondido por aproximadamente um terço do total do tabaco exportado no mundo. (Tabela 2).

Assim, a cada safra ampliam-se e diversificam-se os mercados compradores para o tabaco brasileiro. Em 2005, a participação relativa dos principais mercados para o tabaco brasileiro era a seguinte: União Européia (40% da exportação total), Extremo Oriente (23%), Leste Europeu (13%), América do Norte (13%) e África, Oriente Médio e América Latina que, juntos, receberam 11% das exportações de tabaco do Brasil. (ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO, 2005). O restante da produção de tabaco em

folha realizada no Sul do país é direcionado para o mercado interno, sendo basicamente utilizado na fabricação de cigarro.

TABELA 2 - Brasil: exportações de tabaco em folha - 1985 a 2005

Ano	Exportação (ton.)	Participação do Brasil nas exportações totais de tabaco no mundo
1985*	198.660	13,05*
1990	188.144	11,10
1995	256.270	15,57
2000	341.487	17,35
2002	464.862	22,17
2005	619.000	29,53*

Fonte: SECEX (Secretaria de Comércio Exterior) / MDIC, Alice Web, 2006 e (*) FAO, 2003. (*) Estimativa.

3.1 - Divisão territorial do trabalho agroindustrial tabaqueiro e a configuração do circuito espacial de produção do tabaco e do cigarro e dos círculos de cooperação

A divisão territorial do trabalho no ramo agroindustrial tabaqueiro e sua correspondente organização geográfica na região também apresentam em sua dinâmica de funcionamento e em sua configuração espacial forte influência de ações, normas e objetos estabelecidos no território em momentos passados. A inércia da organização espacial da produção de tabaco nas pequenas propriedades rurais e de seu processamento nas usinas urbanas, bem como a manutenção do sistema integrado de produção, articulando a produção e a comercialização do tabaco e regulando as relações entre os agentes sociais envolvidos, são exemplos de objetos e normas que permanecem desempenhando papel preponderante na organização espacial da região.

Além disso, a divisão territorial do trabalho também reflete as atuais lógicas territoriais promovidas pelas multinacionais tabaqueiras e suas estratégias de ação na região. Estas, através do uso corporativo do território, materializam uma dada organização espacial que lhes é, particularmente, racional e funcional. Tal organização espacial evidencia-se através da incorporação de novas áreas de plantio de tabaco, da (re)distribuição de pontos de compra e de depósito de tabaco, da instalação e/ou ampliação de novas usinas de processamento, e da instalação de novos pontos de gestão, bem como das ações de empresas fornecedoras de insumos, equipamentos e de serviços complementares que se instalam seletivamente no território.

Tendo isso presente, é preciso considerar que a atual divisão territorial do trabalho tanto consolida as especializações e as funções produtivas que alguns lugares da região já desempenhavam, quanto traduz as mudanças qualitativas e quantitativas no modo como os diferentes lugares participam da produção agroindustrial tabaqueira.

Os principais segmentos produtivos do complexo agroindustrial do tabaco instalado no país são basicamente a produção agrícola, o processamento industrial, a comercialização e a exportação, e, de modo complementar, a fabricação e a comercialização de cigarros. O complexo agroindustrial do tabaco instalado na região

Sul do país responde atualmente pela produção e pelo processamento industrial de 96% da produção de tabaco do país.¹¹

A figura 6 ilustra a espacialização das áreas rurais e das cidades, localizadas na região Sul do país, que integram e participam ativamente do funcionamento do complexo agroindustrial do tabaco aí instalado.

Destacam-se então, as principais áreas rurais de produção de tabaco em folha nas microrregiões existentes, as unidades de compra de tabaco, as plantas industriais de processamento de tabaco em folha e as principais fábricas de cigarros instaladas nas cidades dessa região.

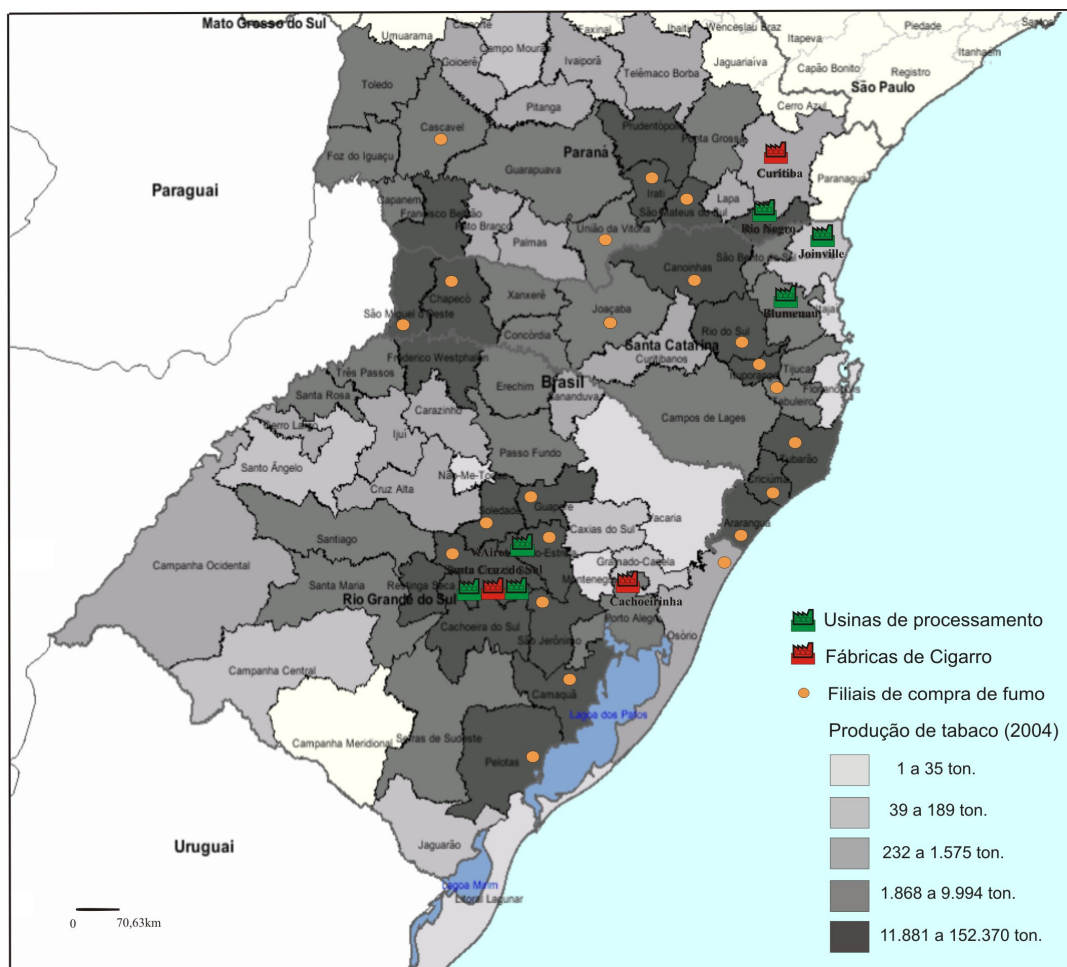


FIGURA 6 - Região Sul do Brasil: microrregiões produtoras de tabaco e principais unidades industriais do Complexo Agroindustrial do Tabaco - 2004

Fonte: SIDRA-IBGE. Produção Agrícola Municipal, 2004. Org. Rogério Silveira

Em 2005, o cultivo do tabaco foi realizado por, aproximadamente, 198 mil famílias de agricultores em propriedades com área média de até 16,9 ha. localizadas em 759 municípios nos três estados sulinos. Nessa macrorregião também estão localizadas

¹¹ Atualmente, o restante da produção brasileira de tabaco, cerca de 4%, é realizado no Nordeste, principalmente nos estados de Alagoas, Bahia e Sergipe, onde predomina o cultivo de tabaco escuro para a fabricação de charutos e cigarrilhas, através das variedades Brasil-Bahia e Sumatra, e tabaco da variedade oriental de tipo aromático utilizado na produção de determinados *blends* para cigarros. (ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO, 2005).

as principais plantas de beneficiamento de tabaco e fábricas de cigarro que empregam, aproximadamente, 21 mil pessoas, entre trabalhadores efetivos e temporários. O Rio Grande do Sul continua sendo o principal estado produtor e em 2005 respondeu por 50,24% da safra nacional. Já Santa Catarina e Paraná, nesse mesmo ano, responderam, respectivamente, por 33,22% e 16,54% da produção nacional. (ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO, 2005).

A presente organização espacial das atividades relacionadas à agroindustrialização do tabaco revela o aprofundamento do padrão anterior de distribuição espacial do trabalho. Há uma dispersão e expansão espacial do cultivo de tabaco nas áreas rurais dos municípios das principais microrregiões tabaqueiras da região Sul do país. Simultaneamente, o processamento industrial e o gerenciamento da produção do tabaco ocorre em determinadas cidades em que as multinacionais têm instaladas suas usinas de processamento e suas principais divisões de compra do tabaco. É o caso de Santa Cruz do Sul e de Venâncio Aires, e, secundariamente, de Vera Cruz, no Rio Grande do Sul; de Joinville e de Blumenau, em Santa Catarina, e de Rio Negro no Paraná. Já as atividades de gerenciamento da comercialização e de exportação do tabaco e seus derivados, se concentram principalmente nas cidades de Santa Cruz do Sul – RS, onde a Souza Cruz (subsidiária da BAT) e a Universal Leaf possuem seus staffs diretos encarregados da comercialização e da exportação do tabaco cultivado na região, e na cidade de Vera Cruz, onde igualmente a Alliance One Tabacos tem instalada sua divisão administrativa no país. Já a transformação industrial do tabaco em cigarro tem sido realizada nas cidades de Curitiba – PR e em Santa Cruz do Sul - RS, através de fábricas da Phillip Morris, e em Cachoeirinha – RS, através da fábrica de Souza Cruz. Participam ainda da divisão territorial do trabalho agroindustrial do tabaco inúmeros outras cidades localizadas, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste do país, mas também no exterior, de onde provêm insumos químicos, biológicos para o plantio do tabaco, equipamentos para a cura do tabaco, equipamentos e máquinas para o processamento industrial do tabaco, insumos para o acondicionamento do tabaco a ser exportado, e equipamentos e máquinas para a fabricação do cigarro.

Funcional às grandes empresas multinacionais, esse padrão de organização espacial revela a busca de uma configuração territorial ideal, isto é, de um território que a cada momento fosse o mais rentável para as empresas agrotabaqueiras. (CORRÊA, 1994). Assim, a atual divisão do trabalho entre os lugares da região informa um uso e uma organização corporativa do território, na medida em que são notadamente orientados pela racionalidade hegemônica do capital multinacional tabaqueiro. Com base nessa razão dominante, o desenvolvimento da agroindustrialização do tabaco se realiza, envolvendo, simultaneamente, o equipamento e a modernização seletiva e desigual dos lugares, quanto ao seu conteúdo técnico-científico-informacional, e a valorização combinada de distintas relações sociais de produção, através da extração do sobretabalho familiar dos fumicultores nas áreas rurais e a extração de mais-valia dos trabalhadores temporários e efetivos nos principais núcleos urbanos.

Além disso, esta organização espacial revela igualmente a continuidade de uma limitada segmentação produtiva e de uma pequena diversificação das etapas do trabalho agroindustrial tabaqueiro desenvolvido na região. A desigual distribuição espacial das atividades restringe a realização de trocas, inibe interações e relações espaciais mais abrangentes e dinâmicas entre os lugares da região, dificultando a promoção de graus maiores de sinergia e de complementaridade econômica entre eles.

A figura 7 ilustra de modo esquemático as principais etapas e as respectivas atividades que atualmente compõem tanto a produção agrícola, o processamento industrial, a comercialização e a exportação do tabaco, quanto a produção, a comercialização e a exportação do cigarro, e suas relações de interação no âmbito do CAI do tabaco. Ela permite apreender melhor a configuração, as ligações e a dinâmica de funcionamento dos circuitos espaciais do tabaco em folha e do cigarro, envolvendo fluxos que se originam no Vale do Rio Pardo, e outros que alcançam a região, desde lugares externos.

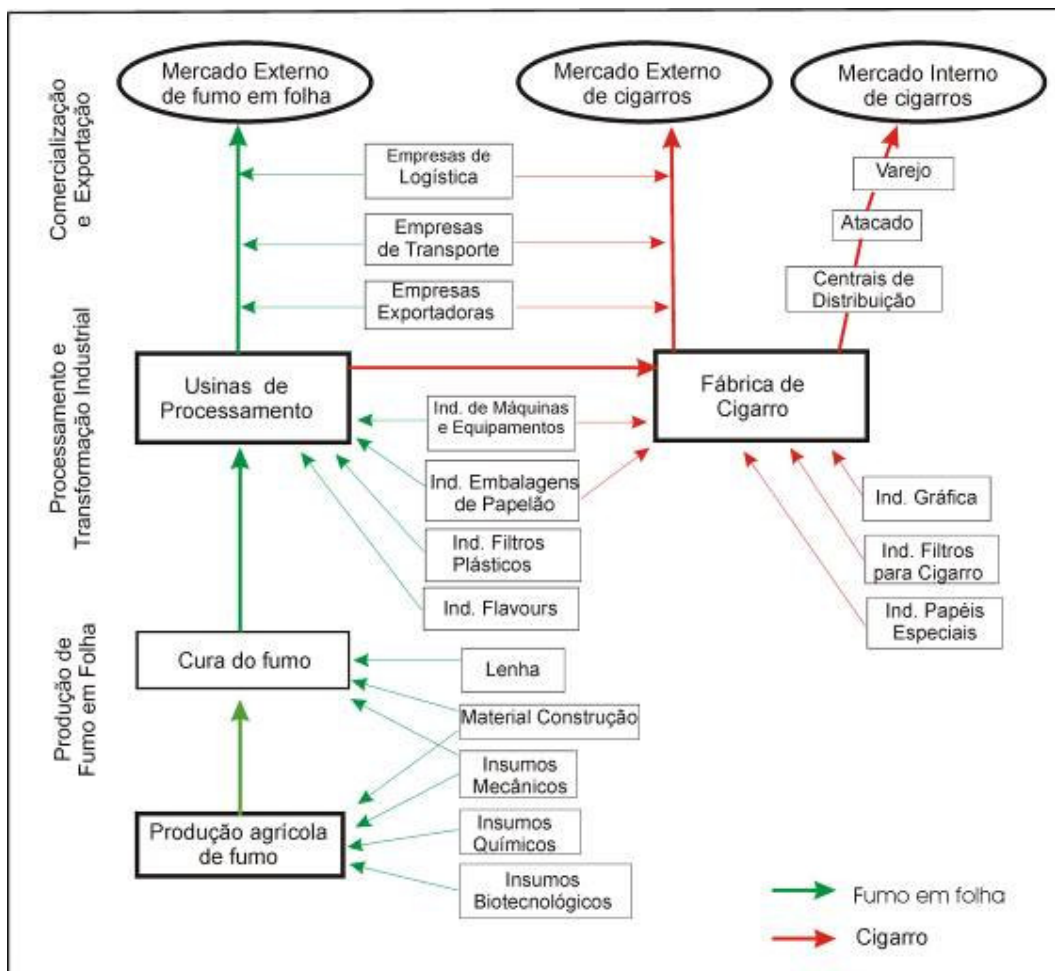


FIGURA 7 - Vale do Rio Pardo: os circuitos espaciais de produção do tabaco e do cigarro - 2005.

Fonte: SILVEIRA, 2007

No presente, contrariamente ao que ocorria no passado, o momento de partida do circuito espacial de produção do tabaco em folha não mais ocorre nas lavouras fumicultoras da região, mas se dá com a definição da compra de tabaco pelas empresas atacadistas de tabaco e fábricas de cigarro localizadas, principalmente, em grandes cidades no exterior. É, portanto, em função das informações provenientes dos compradores internacionais e das ordens emanadas das sedes e/ou das demais subsidiárias das empresas multinacionais que chegam até as empresas tabaqueiras, definindo o volume e o tipo de tabaco encomendados pelas empresas compradoras nacionais e internacionais, que tem início o planejamento da safra de tabaco (volume,

área plantada, tipo de tabaco), envolvendo tanto as atividades de produção nas áreas rurais quanto as usinas de processamento nas cidades da região. Essas ações passaram a ocorrer crescentemente integradas promovendo uma ampla e diversificada rede de cooperação das empresas tabaqueiras com empresas fornecedoras de insumos, de equipamentos e de serviços que possibilitam a produção, o processamento industrial, e a comercialização do tabaco, no tempo adequado.

Verifica-se que na etapa de produção do tabaco, envolvendo o plantio (semeadura, transplante e tratos culturais), a colheita e a cura do tabaco, as inovações técnicas que surgiram não significaram a supressão do trabalho manual dos fumicultores, que continuou sendo vital para a manutenção dos diferenciais de qualidade do tabaco em folha produzido na região. A produção de tabaco em folha manteve-se como antes, essencialmente, sendo realizada através do emprego intensivo da mão-de-obra dos agricultores familiares e regulada pelo sistema integrado de produção. A normatização desse sistema, através da celebração de contratos de compra e venda de tabaco entre agricultores e empresas, continuou sendo o principal meio de regulação das relações sociais de produção entre fumicultores e agroindústrias, e como instrumento maior da cooperação entre esses agentes. Cooperação essa que através da circulação de informações, ordens e capitais viabilizou a introdução de inovações técnicas e organizacionais na produção (novas sementes, insumos químicos, calendário agrônomo) e na comercialização da matéria-prima, assegurando a continuidade do fornecimento do tabaco nas quantidades e qualidades desejadas pelas empresas, e ampliando suas margens de lucratividade através da extração do sobretrabalho dos agricultores, dada a manutenção de uma baixa remuneração da produção de tabaco em relação ao seu efetivo custo de produção.

Na etapa de cura do tabaco também ocorreram algumas inovações técnicas importantes que aperfeiçoaram os níveis de desempenho e de qualidade, em conformidade com a demanda das empresas. Uma primeira inovação tem sido a gradativa substituição da tecedeira pelo emprego de grampos de metal ou de madeira para a fixação do tabaco no interior das estufas, permitindo que estas sejam carregadas mais rapidamente, além de diminuírem a presença de materiais estranhos junto às folhas de tabaco. Destacamos também a crescente adoção pelos fumicultores de controladores eletrônicos e automáticos de umidade relativa do ar e de temperatura no interior da estufa, durante o processo de cura do tabaco. Essa inovação possibilitou aos fumicultores maior comodidade, precisão e instantaneidade no controle e na programação dessas medidas que a rigor determinam a segurança da cura e a qualidade final do tabaco a ser entregue nas usinas das empresas tabaqueiras. Outra inovação técnica foi o desenvolvimento de novos modelos de estufa com a introdução de equipamentos mecânicos e eletrônicos que possibilitam o aumento da capacidade de cura, uma maior homogeneidade na cura das folhas e a redução no consumo de lenha.

A despeito desses avanços tecnológicos, um dos principais insumos utilizados na cura do tabaco continua sendo a lenha. O expressivo aumento da produção de tabaco na região nos últimos cinco anos tem implicado um substancial acréscimo no consumo de lenha, ocasionando, em algumas áreas, o recrudescimento do desmatamento da vegetação nativa na região.

O emprego e a difusão dessas inovações técnicas nas áreas rurais fumicultoras, bem como o crescimento da demanda internacional pelo tabaco brasileiro, igualmente colocaram a necessidade de ampliação do montante de recursos a ser disponibilizado para o financiamento, tanto do custeio da produção do tabaco, quanto dos investimentos na melhoria e ampliação das instalações para as atividades de cura do tabaco.

O aumento na oferta de crédito rural para os fumicultores foi viabilizado através da intensificação da cooperação já existente entre empresas agrotabaqueiras e instituições financeiras. Em troca da garantia dada pelas agrotabaqueiras de pagamento dos financiamentos dos fumicultores integrados e de intermediação dos serviços de contratação do crédito rural, os bancos vêm incrementando os recursos de sua carteira agrícola para o financiamento da produção de tabaco. Diante da exigência do Banco Central do Brasil, de que os bancos tenham de repassar 20% dos seus depósitos à vista para o crédito rural, e das características do sistema integrado de produção do tabaco, essas condições tornam o financiamento da produção do tabaco um negócio altamente lucrativo para os bancos.

Para as empresas, essas ações de cooperação são de fundamental importância, na medida em que garantem os recursos para a continuidade da produção do tabaco. Essas ações, além de possibilitarem às empresas ganhos adicionais de capital, na medida em que estas não precisam mobilizar recursos próprios para financiar a safra, também permitem às mesmas auferirem ganhos extraordinários advindos da utilização de recursos subsidiados do financiamento bancário para a compra, em grande escala, desses insumos antes de repassá-los aos fumicultores.

Assim, antes mesmo de o tabaco começar a circular das propriedades agrícolas em direção às usinas de processamento, é esse conjunto de insumos e equipamentos empregados na produção e na cura do tabaco – adquirido através do financiamento junto aos bancos – que chega às propriedades dos fumicultores nas áreas rurais. O custo desses insumos é “descontado” dos fumicultores no momento da entrega, da venda do tabaco nas empresas.

Comercializado, o tabaco passa a ser processado industrialmente nas usinas e é justamente no terceiro momento do circuito espacial do tabaco que ocorrem a instalação de novos objetos técnicos (novas e modernas usinas de processamento, pontos de compra de tabaco, armazéns refrigerados, etc.) e a produção de significativas inovações tecnológicas e mudanças organizacionais (novos equipamentos, automação e informatização do processamento industrial, etc.), buscando ampliar a capacidade de produção, os níveis de produtividade e de qualidade do processamento de tabaco.

Muitos desses investimentos contaram com o apoio dos governos municipais e estadual, através do estabelecimento de normas que asseguraram a concessão de incentivos fiscais. Se no âmbito municipal na maior parte das vezes os incentivos alcançados se vinculam à redução total ou parcial de impostos como IPTU, ITBI e ISSQN, na esfera dos governos estaduais um dos principais instrumentos normativos que tem sido usado como fomento ou incentivo à ampliação e modernização das empresas ocorre por meio da concessão de incentivos financeiros com base em renúncia fiscal do ICMS por parte do Estado.

Em realidade, diante da progressiva racionalização produtiva dessas empresas, a concessão de incentivos financeiros pelo Estado, mais do que ampliar novas vagas de trabalho nas agroindústrias tabaqueiras e na cigarreira instaladas na região, tem principalmente financiado a ampliação e a modernização das instalações industriais das empresas, assegurando condições ideais de acumulação e de reprodução do capital tabaqueiro, bem como tem onerado as finanças do Estado, na medida em que a renúncia fiscal dessas empresas reduz os recursos públicos disponíveis para investimento.

Uma vez processado e embalado, o tabaco segue dois caminhos que constituem o último momento do circuito espacial de produção do tabaco em folha, o da exportação e o da transformação industrial em cigarro nas fábricas instaladas no país.

O principal fluxo envolve a comercialização e a exportação do tabaco beneficiado industrialmente na região – o que corresponde a cerca de 90% da produção de tabaco

em folha do Sul do país – para empresas atacadistas e cigarreiras localizadas em vários países nos cinco continentes.

A realização das etapas de comercialização e de exportação do tabaco em folha processado na região pelas empresas tabaqueiras envolve a cooperação de um conjunto de agentes como os escritórios de exportação, as empresas seguradoras, os organismos do Estado, empresas privadas prestadoras de serviços, órgãos de classe, e empresas compradoras do tabaco, no exterior.

Os atuais circuitos espaciais de produção do tabaco e do cigarro e seus respectivos círculos de cooperação evidenciam as principais relações econômicas e espaciais através das quais a região tem participado do CAI do tabaco no país e integrado a ampla espacialidade tabaqueira na escala mundial. Esses circuitos e círculos, enquanto segmentos e momentos do conjunto das ligações e relações existentes no CAI do tabaco, informam também o modo distinto e desigual como os lugares da região participam e interagem no interior do CAI, bem como experimentam os reflexos dessa condição.

A análise da atual divisão territorial do trabalho no âmbito do CAI do tabaco igualmente mostra que o aprofundamento da internacionalização do setor tabaqueiro e a ampliação de sua participação no mercado mundial não apenas resultaram no aumento da hegemonia do capital monopolista internacional, na modernização das plantas industriais de usinas e fábricas de cigarro, na conseqüente ampliação da produtividade e da produção de tabaco e de cigarros, mas também contribuíram para o equipamento seletivo e desigual do território, influenciando a dinâmica de organização espacial.

Referências:

AFUBRA – ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. Dados sobre a fumicultura no Brasil. Disponível em: <www.afubra.com.br>, Acessado em 10/01/2008.

ANDREFF, W. *Multinacionais globais*. Bauru: EDUSC, 2000.

BACEN - BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Investimento Estrangeiro Direto - 1980 a 1995*. <Disponível em www.bcb.gov.br>. Acessado em 07/05/2006.

BRITISH AMERICAN TOBACCO. *Quarterly Report 2004*. <Disponível em: www.bat.com/group/sites/uk>. Acessado em 07/06/2006.

BENETTI, M. D. Globalização e desnacionalização do agronegócio brasileiro no pós 1990. *Documentos FEE* n° 61. Porto Alegre, outubro de 2004.

BOEIRA, S. L. *Atrás da cortina de fumaça - Tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica*. Itajaí: Ed. Univali, 2002.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Ed. Xamã, 1996.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um ejemplo. In. SANTOS, M., SOUZA, M. A. e SILVEIRA, M.L. (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994. p.251-256.

DIMON INCORPORATED – STANDARD COMMERCIAL CORPORATION. *Dimon incorporated and Standard Commercial Corporation announce merger*. New Release. November 8, 2004. Disponível em <http://phoenix.corporate-ir.net> Acessado em: 23/04/2006.

ELIAS, D. *Globalização e agricultura*. São Paulo: Edusp, 2003.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *Projections of tobacco production, consumption and trade to the year 2010*. Rome, Italy. 2003. Disponível em: <http://www.fao.org>. Acessado em 31/05/2005.

FOREIGN AGRICULTURAL SERVICE/USDA. *Tobacco: World market and trade archives*. 2005. FAS online. Disponível em: www.fas.usda.gov/tobacco_arc.html. Acessado em 30/03/2006.

GAZETA DO SUL. *Anuário Brasileiro do Tabaco 2001*. Santa Cruz do Sul: Gazeta Grupo de Comunicações, 2001.

_____. *Anuário Brasileiro do Tabaco 2005*. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta do Sul, 2005.

GAZETA MERCANTIL. *Panorama setorial - A indústria do tabaco*. São Paulo, 1999.

GONÇALVES, R. *O Abre-alas – A nova inserção do Brasil na economia internacional*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará. 2ª Ed. 1999.

HAMMOND, R. Industry watch – consolidation in the tobacco industry. *Tobacco Control*, nº 7, 1998. p.426-428. Disponível em <http://tc.bmjournals.com/>. Acessado em 24/02/2006.

IBGE/SIDRA. *Produção Agrícola Municipal*. 2004. Disponível em; www.sidra.ibge.gov.br. Acessado em 10/05/2005.

JANK, M. e NASSAR, A.M. Competitividade e globalização. In. Zylbersztajn, D. e Neves, M.F. (Org.) *Economia & Gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo: Ed. Pioneira, 2000. p.137- 163.

MAZZALI, L. *O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”*. São Paulo: Ed. Unesp. 2000.

PHILIP MORRIS INC. *Desempenho Econômico em 2004*. Disponível em www.philipmorrisinternational.com.br. Acessado em 05/04/2006.

REZENDE, G. de C. *Estado, macroeconomia e agricultura no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS/IPEA, 2003.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2000.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

_____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Ed.Hucitec, 1993..

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Record, RJ. 2001.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. *Brasil Exportador*. MDIC. Alice Web. Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br> Acessado em 04/05/2006.

SILVEIRA, M. L. *Um país, uma região: fim de século e modernizações na Argentina*. São Paulo: FAPESP/Laboplan-USP, 1999.

SILVEIRA, R. L. L. da. *Complexo agroindustrial do tabaco e território: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo*. Florianópolis: Tese de Doutorado em Geografia Humana. UFSC, 2007.

SKLAIR, L. The transnational capitalist class and global capitalism: the case of the tobacco industry. In: *Political Power and Social Theory*. Vol. 12. The London School of Economics & Political Science, London.1998. p.3-43.

STANDARD COMMERCIAL CORPORATION. *Annual report 2003*. Disponível em http://mba.wm.edu/pdf/standard_commercial_corporation.pdf Acessado em 29/04/2006.

SUPPLY & DEMAND REPORT. Richmond: Universal Leaf Tobacco Company Inc.. October, 2005. Disponível: www.universalcorp.com . Acessado em: 18/04/2006.

UNIVERSAL LEAF TRANSITION REPORT 2004. Disponível em www.universalcorp.com. Acessado em: 25/03/2006.

VAN LIEMT, G. *The world tobacco industry: trends and prospects*. Geneva: OIT - International Labour Office. Working paper nº 179, 2002. Disponível em: www.oit.org/public/english/dialogue/sector/papers/tobacco/wp179.pdf. Acessado em 22/02/2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Who report on the global tobacco epidemic – 2008. The MPOWER Package*. Genebra. WHO, 2008.